

As ficções do interlúdio: Bento Prado Jr. e a filosofia da psicanálise

*Se mesmo o positivo é sonho e controvérsia
Nem Porvir, nem ninguém, cousa alguma desliga
A Ciência que sonha e o verso que investiga
(Jorge de Lima, XIV Alexandrismos)*

Em 1988, Luiz Roberto Monzani iniciava um artigo destinado a realizar um balanço atualizado das relações entre o discurso filosófico e o discurso psicanalítico afirmando que “a psicanálise anda na moda”². Não deixava de observar, na ocasião, que as modas passam — em geral, rapidamente —, mas que a contribuição que elas porventura tenham trazido permanece. Nesses quase vinte anos, as modas, de fato, foram e vieram, mas essa área de pesquisa que explora os múltiplos pontos de contato e as diversas possibilidades de diálogo entre a filosofia e a psicanálise proliferou, consolidou-se e começou a ocupar os espaços institucionais necessários ao seu desenvolvimento. Se hoje podemos falar de uma Filosofia da Psicanálise — tanto quanto de uma Filosofia da Biologia ou de uma Filosofia da Música, para dar dois outros exemplos razoavelmente recentes desse tipo de genitivo —, é como resultado desse processo, no qual, por uma série de razões que será em parte comentada aqui, a psicanálise constituiu-se como um objeto de reflexão, mas também como um campo indutor de problemas e como um interlocutor relevante para a prática da filosofia.

É inegável a participação de Bento Prado Jr. nesse processo, do qual não é exagero considerá-lo um dos principais protagonistas. Esse papel foi, de fato, tão marcante que, muito tempo depois de ter deixado de se ocupar sistematicamente da psicanálise, ele permanecia identificado com essa área de atuação e continuava a ser constantemente solicitado para orientações, eventos e cursos com ela relacionados. As notas que se seguem têm tão somente o objetivo de comentar, de maneira sucinta, os *resultados* da atuação de Bento Prado Jr.

1 UFSCar

2 Monzani, 1988: 111.

nesse campo e de avançar alguns comentários, muito incipientes, sobre o lugar que esses trabalhos ocupam em sua obra filosófica e sobre sua especificidade no contexto das produções nessa área que lhe foram contemporâneas, especificidade que talvez contribua em algo para explicar seu alcance e sua repercussão. É claro que a plena avaliação dessas questões exigiria uma pesquisa sistemática, não apenas sobre a filosofia de Bento Prado Jr. como um todo, mas também sobre a história das idéias filosóficas no Brasil e como nela se insere o diálogo entre filosofia e psicanálise — um trabalho que, evidentemente, não poderá ser realizado aqui.

Com efeito, a psicanálise representou um capítulo relativamente restrito no itinerário intelectual de Bento Prado Jr. Temporalmente, restringe-se, na prática, aos anos 80 — os últimos textos publicados que se ocupam especificamente de questões psicanalíticas encontram-se na coletânea *Filosofia da psicanálise*, de 1991, por ele mesmo organizada. No total, contam-se apenas um punhado de trabalhos: dos artigos incluídos em *Alguns ensaios*³, três versam sobre Freud, embora não exclusivamente (“Auto-reflexão ou interpretação sem sujeito: Habermas intérprete de Freud”⁴, “Hume, Freud, Skinner: em torno de um parágrafo de Gilles Deleuze”⁵ e “O neopsicologismo humanista”⁶), enquanto que dois outros estão mais ligados à epistemologia da psicologia (“A imaginação: fenomenologia e filosofia analítica”⁷ e “Breve nota sobre o operante: circularidade e temporalidade”⁸). Dos textos incluídos em *Filosofia da psicanálise*, dois discutem leituras ou críticas filosóficas da obra de Freud (“Georges Politzer: sessenta anos da *Crítica dos fundamentos da psicologia*”⁹ e “Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse crítico de Freud”¹⁰), tal como fizera com Habermas no texto mencionado acima, enquanto que o terceiro ocupa-se de Lacan (“Lacan: biologia e narcisismo ou a costura entre o real e o imaginário”¹¹). Mesmo levando-se em conta a “timidez da filosofia” apontada por Paulo Arantes¹², trata-se de uma produção cronológica e quantitativamente limitada, sobretudo quando se considera que, mesmo do ponto de vista exclusivamente quantitativo, Bento Prado Jr. esteve muito longe de se contar entre os menos produtivos dos filósofos brasileiros. Quais as razões, então, de

3 Prado Jr, 1985.

4 Prado Jr, 1985a.

5 Prado Jr, 1985b.

6 Prado Jr, 1985c.

7 Prado Jr, 1985d.

8 Prado Jr, 1985e.

9 Prado Jr, 1991a.

10 Prado Jr, 1991b.

11 Prado Jr, 1991c.

12 Arantes, 1988.

seu impacto, que fez do autor um dos principais “pais fundadores” da filosofia da psicanálise no Brasil?

Como o debate de Bento Prado Jr. com a psicanálise constitui, de fato, essa espécie de interlúdio em seu percurso, inserido entre seu trabalho anterior com a história da filosofia e a filosofia da literatura, e o que veio depois — no qual os interlocutores privilegiados passaram a ser Wittgenstein e a filosofia analítica (Ryle, Strawson), por um lado, e Deleuze, por outro —, é possível perguntar-se qual a significação desse posicionamento e quais suas implicações para sua concepção da psicanálise. Talvez se possa avançar, como hipótese, que o diálogo de Bento com a psicanálise prolonga um esforço de conferir unidade a um pensamento filosófico cindido, na origem, entre sua formação em história da filosofia e sua inclinação pela literatura como forma de reflexão¹³. Essa função *instrumental*, digamos assim, que o trato com a psicanálise desempenhou no desenvolvimento de seu pensamento explicaria, em primeiro lugar, a transitoriedade de seu interesse, mas, além disso, talvez possa estar também na origem da força e da originalidade de seu trabalho.

Arantes, em seu ensaio sobre o lugar ocupado por Bento Prado Jr. na “formação da cultura filosófica uspiana” (conforme o subtítulo de seu livro) nos anos 60¹⁴, procura mostrar como ele parte de sua formação segundo a ortodoxia do momento, calcada numa definição da filosofia pelo *método* (a “análise estrutural de textos”, sobretudo), que seguia a linha ditada pela escola francesa de história da filosofia (Guérault, Goldschmidt), e se direciona para uma tentativa de resgate de seus interesses literários, que já vinham de longa data, num esforço reiterado de formulação de uma concepção da *filosofia como literatura* ou, no sentido inverso, da *literatura como filosofia*, o que daria mais ou menos no mesmo¹⁵. Assim, mal “encerrada a tese de história da filosofia que devia a seus pares”¹⁶, ele teria trabalhado no sentido de reverter o expurgo a que a ascese historiográfica submetera o estilo literário que até recentemente imiscuía-se sem problemas com a coisa filosófica. Indo por essa via, não tardaria a encontrar na interpretação francesa da fenomenologia alemã — no existencialismo e na filosofia de Sartre como um todo, por exemplo — o aval para tornar a incluir num projeto filosófico aquilo que o modelo universitário que o formara havia relegado à pura literatura, isto é, o vivido, o “concreto”, a vida prática, as emoções, o imaginário, etc.:

13 Cf. Arantes, 1992: 170-171.

14 *Ibidem*.

15 Embora discordasse dos detalhes, Bento Prado Jr. manifestou diversas vezes endossar o sentido geral dessa interpretação sobre as origens de seu pensamento filosófico (in Nobre & Rego, 2000: 215, por exemplo).

16 *Ibid.*: 176.

A filosofia em nova chave não seria mais do que um gênero de explicitação deste sentido vivido e sedimentado ao longo de uma existência. Sendo portanto uma forma de dar palavra à experiência de nosso contato com o mundo, perdia o privilégio da clareza e da distinção na medida em que acedia a um outro, por certo mais “autêntico”, o da perplexidade, partilhado por uma literatura que cultivava a ambigüidade como cifra do vivido. A rigor, filosofia e literatura podiam ser tomadas como expressões narrativas da mesma aventura da consciência no mundo das significações práticas. Embora distintas, nenhum privilégio na exploração de um mundo comum.¹⁷

Esse esforço de síntese se prolongaria em seus estudos sobre Rousseau, que começaram a ocupá-lo desde a conclusão da tese sobre Bergson em meados dos anos 60 e que seriam desenvolvidos sistematicamente em seus anos de exílio, como pesquisador do CNRS francês. Com efeito, se o problema era conciliar ou, pelo menos, encontrar um denominador comum entre a história da filosofia e a reflexão literária e unificar assim a “dupla personalidade” que Arantes atribui ao jovem Bento, difícil pensar em um interlocutor mais apropriado que Rousseau, que filosofava em boa prosa romanesca, que apagava as fronteiras entre biografia, romance e dissertação e que não hesitava em tomar a si mesmo como objeto de sua ensaística. Assim, distendida entre a perspectiva da primeira pessoa da *metáfora poética* e a terceira pessoa do *conceito teórico*, a inquietação filosófica de Bento Prado Jr. teria podido encontrar em Rousseau o meio-termo da *segunda pessoa*, isto é, a da linguagem como forma de expressão essencialmente dirigida a um outro e, portanto, tendo que ser pensada, antes de tudo, na sua dimensão *intersubjetiva* ou, para dizê-lo numa única palavra, na sua dimensão *retórica*:

Bento ficou no meio termo: nem Teoria, nem Literatura, o centro da obra multifacetada de Rousseau era retórico — na acepção clássica do termo (o desconstrucionismo emergente ainda não se manifestara nesse terreno). Mas assim procedendo dava satisfação a uma ambição doméstica que nem todos sabiam formular, embora lhe seguissem as conseqüências: encontrara a unidade de uma obra exemplar, onde a teoria (a amarração unívoca de um saber a seu objeto) era contornada sem no entanto resvalar para a alegação fácil de literatura, mas de cujo estilo sabia no entanto se beneficiar.¹⁸

17 Arantes, 1992: 186

18 Arantes, *ibid.*: 207.

De volta ao Brasil, após os anos de exílio, o acaso das circunstâncias — a peregrinação por diversas instituições, na impossibilidade de lecionar em universidades públicas ou que recebessem financiamento do Estado e, por fim, sua integração à Universidade Federal de São Carlos, num departamento multidisciplinar onde o que menos havia eram filósofos — colocou Bento Prado Jr. em contato mais direto com a psicologia e a psicanálise. Esse contato, no entanto, não foi propriamente uma estréia. Cabe lembrar que a epistemologia era, ao lado da história da filosofia, o segundo pilar da formação uspiana: os professores visitantes franceses incluíam Granger e Vuillemin, por exemplo¹⁹. Por outro lado, os cursos de filosofia e psicologia ainda estavam unidos até 1960 e os dois temas dividiam mais ou menos ao meio a carga horária, de modo que a carreira profissional ou universitária em psicologia era um destino normal para os licenciados em filosofia. Mais especificamente com relação à psicanálise, Bento Prado Jr. dá notícia de um interesse precoce pelo assunto, em que já se manifesta, como intenção e projeto, um pouco do estilo que depois distinguirá suas contribuições nessa área:

De qualquer forma, a psicanálise sempre me pareceu um tema sedutor para a filosofia. Lembro-me, ainda na década de 60, quando Vuillemin esteve aqui pela primeira vez e perguntou o que eu pensava em fazer no futuro. Disse a ele: “Penso em fazer algo como a lógica da psicanálise”, entendendo por lógica da psicanálise uma espécie de epistemologia. Essa resposta provocou indignação em Vuillemin, que disse: “Então você imagina que tudo é lógica no mundo?” Obviamente, como bom positivista que era, Vuillemin era dualista, quer dizer, tinha o domínio da lógica de um lado, e o domínio da irrazão de outro, *que é igualmente respeitável*. Para ele, a filosofia não fala do mundo, fala da estrutura da linguagem, e o mundo se revela através da poesia, da pintura, do inconsciente — uma espécie de dualismo. Não que o assunto fosse indigno da filosofia, mas provavelmente ele achava que a psicanálise era o outro da filosofia: imaginemos a *análise* lógica e a *psico-análise* como os dois pólos de um dilaceramento incontornável...²⁰

Assim, na contramão da especialização positivista, esse primeiro vislumbre do interesse filosófico da psicanálise já deixa entrever uma atitude voltada

19 O próprio Bento relembra isso: “O modelo de filosofia praticado pelo Departamento era, no entanto, um pouco diferente disso [da relação entre filosofia e literatura em Sartre e Drummond], na medida em que a ênfase tanto na epistemologia quanto na história da filosofia era muito forte” (in Nobre & Rego, 2000: 200).

20 Prado Jr, in Nobre & Rego, 2000: 210.

para a superação de certas categorizações consagradas — ciência e não-ciência, no caso, no que se prolonga a obstinação anterior e certamente não esquecida em recusar-se a traçar uma fronteira nítida entre literatura e filosofia²¹. Prosseguindo na narração das circunstâncias externas, Bento relata como a sua nova inserção institucional — em São Carlos, mas também incluindo a formação de um grupo de pesquisa sobre as relações entre filosofia e psicanálise na Unicamp, com quem começou a colaborar — aproximou-o não apenas da epistemologia da psicologia e da psicanálise, mas também da filosofia analítica e de Wittgenstein, com os quais já tivera algum contato anteriormente, sobretudo com a mediação de Granger. Com o tempo, como se mencionou acima, este último tema deveria vir a concentrar suas atenções, ainda que a serviço de um projeto filosófico que atravessa todo o seu pensamento e no qual a psicanálise também teve o seu lugar:

Quando vim para São Carlos, o número de filósofos era muito restrito e senti a necessidade de instaurar trabalhos em conjunto à maneira de seminários. Daí pensei: “Mas, meu Deus do céu, com quem vou fazer seminário aqui?” Havia um grupo de psicólogos, gente de excelente formação, todos behavioristas. Então me lembrei de um livro, *The concept of mind* [de Gilbert Ryle], extremamente bem escrito e admirável, porque propõe uma interpretação behaviorista entre aspas, behaviorista-lingüística, dos conceitos básicos da psicologia e, na mesma ocasião, senti necessidade de voltar ao Wittgenstein, que tinha estudado um pouquinho na primeira vez que fui para a França, com Granger. Convidei então o Baltazar Barboza Filho e o Luiz Henrique Lopes dos Santos, que vieram aqui reiteradas vezes dar cursos sobre Wittgenstein e, de uma certa maneira, a psicanálise ficou no passado.²²

Qual a tônica, então, desse conjunto relativamente restrito de trabalhos dedicados à psicanálise? Qual a sua singularidade? Uma primeira característica chama a atenção: Bento Prado Jr. se aproxima da psicanálise — da obra de Freud pelo menos — como Perseu se aproxima da Medusa, isto é, fitando-a a partir de seus reflexos. O espelho em questão aqui é justamente a obra de

21 Vladimir Safatle lembra como Bento gostava de citar a frase de Whitehead, que afirma que “os limites da natureza estão sempre em farrapos” e complementa: “E, se existe algo que Bento Prado nos tenha ensinado, foi o modo possível de fazer Filosofia a partir daquilo que aparece à experiência contemporânea na condição de ‘farrapo’: material descontínuo e aparentemente irreduzível à costura da reflexão” (Safatle, 2007: 17).

22 Prado Jr, in Nobre & Rego, *ibid*: 210.

outros filósofos que se ocuparam de Freud: Habermas, Politzer, Marcuse, Deleuze²³. Com o faro filosófico que nunca lhe faltou, era capaz de detectar as distorções, os abusos interpretativos, a subordinação das teses freudianas a uma filosofia que lhe era estranha, sem necessidade de empreender sistematicamente — ou, pelo menos, explicitamente — a análise e a comparação com os textos originais. Pode-se dizer que se trata de uma espécie de crítica de segunda ordem, isto é, de uma *crítica da crítica* filosófica da psicanálise que, ao mesmo tempo em que delinea os limites da interpretação da obra de Freud, faz ressaltar sua atualidade e seu interesse mesmo no contexto de um debate que ela inevitavelmente desconheceu. É, portanto, uma crítica do anacronismo interpretativo, mas que, nem por isso, recai na abordagem exclusivamente histórica de uma análise estrutural da obra como um sistema cerrado em torno de seus próprios princípios.

Assim, por exemplo, em “Auto-reflexão ou interpretação sem sujeito: Habermas intérprete de Freud”²⁴, o que é colocado sob suspeita é a maneira como Habermas, num primeiro momento, alinha Freud, bastante injustificadamente, com a tradição hermenêutica, para depois procurar salvá-lo dessa concepção demasiado conservadora da interpretação — assim como do naturalismo científico a que ele, paradoxalmente, teria aderido ao mesmo tempo — mediante uma aproximação com o pragmatismo lingüístico e com a chamada “gramática da linguagem ordinária”. Todo esse encaminhamento resultaria numa visão excessivamente intelectualista do processo analítico, a qual se exprime na concepção de Habermas da análise como *auto-reflexão*, cuja crítica constitui o objetivo central do texto. Já no artigo “Georges Politzer: sessenta anos da *Crítica dos fundamentos da psicologia*”²⁵, apesar da simpatia pelo projeto politzeriano de uma psicologia concreta e do reconhecimento da influência duradoura que este exerceu sobre boa parte do pensamento francês posterior, Bento Prado Jr. também rastreia, até esse trabalho inaugural (em diversos sentidos) da filosofia da psicanálise, a tradição de leitura filosófica de Freud que se pauta por uma recusa da metapsicologia, devido a uma

23 Na nota biográfica que ele próprio redigiu para a coletânea *Freud na filosofia brasileira* (Fulgêncio & Simanke, 2005), Bento definiu esses trabalhos como dedicados à “recepção filosófica da obra de Freud” — isto é, não à obra de Freud ela mesma. O que não impediu que essa leitura frequentemente indireta produzisse uma série de *insights* lúcidos e penetrantes a respeito de questões cruciais do pensamento freudiano, que puderam — e continuam podendo — ser aproveitadas e desenvolvidas pelos pesquisadores da área. Veja-se, por exemplo, abaixo, o comentário da aproximação entre Hume e Freud e da afinidade muitas vezes despercebida que este último teria manifestado para com a tradição empirista.

24 Prado Jr, 1985a.

25 Prado Jr, 1991a.

avaliação fortemente negativa de seus méritos, sobretudo quando comparados com os do *método*, da *prática* e da “*descoberta*” freudiana. Nessa tradição, inserem-se Roland Dalbiez, com o seu *O método psicanalítico e a doutrina de Freud*²⁶, e Jean Hyppolite, assim como Paul Ricoeur, cujo *Da interpretação: ensaio sobre Freud*²⁷ pode ser considerado como a culminação dessa tendência e sua mais sofisticada realização (poderíamos apontar ainda Lacan e Merleau-Ponty como herdeiros de Politzer na sua atitude para com Freud em, pelo menos, parte de suas obras). Finalmente, em “Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud”²⁸, trata-se ainda de pôr em evidência mais um exemplo semelhante de transposição de sentido de um conceito crucial da psicanálise freudiana. Em Habermas, como se viu, foi o conceito de *interpretação* o alvo de uma transposição desse tipo: assim como o fizera Paul Ricoeur — embora com uma avaliação inversa de seus méritos —, o pensador alemão assumiu que a *Deutung* freudiana o situaria automaticamente no âmbito da tradição hermenêutica, da qual se trata de resgatá-lo ou, no caso de Ricoeur, à qual se trata de reconduzi-lo. Seja como for, ambas as leituras têm em comum o fato de não considerarem a possibilidade de que essa noção pudesse se revestir de uma significação própria quando formulada em solo psicanalítico e a partir dos fundamentos do pensamento de Freud. No que se refere a Marcuse, é o conceito de *desejo* que teria sido submetido a um tratamento semelhante: Bento Prado Jr. procura mostrar nesse caso que, se Marcuse consegue cumprir o programa aparentemente paradoxal de recusar a metapsicologia e, simultaneamente, reivindicar alguma espécie de freudismo ortodoxo na contramão do revisionismo pós-freudiano (que o próprio Bento analisara criticamente em “O neopsicologismo humanista”²⁹), isto se deve ao sutil deslizamento de sentido que o conceito psicanalítico de desejo experimenta em suas mãos: com efeito, ele aí derivaria — para utilizar o vocabulário de Jean Laplanche, quando este fala da “*derivação das entidades psicanalíticas*”³⁰ — de sua acepção estritamente metapsicológica para aquela que ele assume no âmbito da dialética. Cabe lembrar que um deslizamento como esse foi também um dos pilares de sustentação de uma outra reinterpretação de Freud — aquela empreendida por Lacan, instrumentada pela leitura kojéviana de Hegel — igualmente apresentada sob a fachada de uma nova ortodoxia.

26 Dalbiez, 1936.

27 Ricoeur, 1965.

28 Prado Jr, 1991b.

29 Prado Jr, 1985c.

30 Laplanche, 1970.

Essa defesa de Freud frente a uma espécie de reducionismo filosófico — ou frente à sua apropriação por parte de um projeto teórico estranho à psicanálise ou, em todo caso, heterogêneo o bastante para exigir tais redefinições — não é exclusiva de Bento Prado Jr. e, pode-se dizer, constitui o denominador comum de boa parte dos trabalhos que vieram a constituir o que hoje chamamos de uma Filosofia da Psicanálise. Só que, via de regra, esse trabalho realizou-se mediante uma metodologia completamente diferente. É Monzani quem melhor sumariza essa outra abordagem. Após passar em revista as interpretações humanistas e hermenêuticas de Freud (os já citados Ricoeur e Hyppolite, mas também Binswanger), ele finaliza com um veredicto que aponta o caráter infrutífero dessas leituras para a compreensão do sentido da obra freudiana, na medida em que estas se dão a partir de um referencial filosófico que funciona como uma lente de distorção, capaz apenas de fornecer uma imagem adulterada da teoria psicanalítica:

Foram necessários quase sessenta anos para aprendermos como não se deve ler Freud. (...) De qualquer maneira, agora já deve ter ficado claro para o leitor que há duas maneiras distintas do discurso filosófico relacionar-se com o discurso psicanalítico. A primeira, que até hoje só deu resultados negativos e, ao que tudo indica, sempre dará, é a tentativa de ler esse discurso através da rede de um *sistema filosófico*. A outra consiste na constituição de uma epistemologia da psicanálise, no sentido definido acima, e que tem se revelado frutífera e promissora.³¹

Essa epistemologia da psicanálise de que Monzani fala foi cuidadosamente distinguida de uma “filosofia da ciência”. Esta última consistiria numa crítica filosófica da psicanálise que seguisse o figurino neopositivista tradicional, isto é, que tomasse como termo de comparação um certo modelo de cientificidade — uma “concepção recebida” da ciência, em geral pautada pelo paradigma das ciências da matéria, da física, da química, etc. — a partir do qual as pretensões de cada disciplina específica de ser reconhecida como ciência seriam julgadas por esses critérios externos a ela, de modo a cumprir o programa básico desse tipo de abordagem, que é o estabelecimento de fronteiras nítidas e de critérios precisos para distinguir ciência de não-ciência (ou pseudociência, para falar como Popper) — numa palavra, de modo a resolver o problema da *demarcação*, a questão por excelência de que se ocupa esse tipo de filosofia da

31 Monzani, 1988: 132.

ciência. Ao contrário, a concepção de epistemologia delineada por Monzani deriva, em parte, da proposta descontinuista de Bachelard e se define em oposição à atitude descrita acima:

A epistemologia de uma determinada disciplina que se quer ciência pretende algo um pouco diferente. Embora pretenda também investigar os modos de procedimento de uma disciplina, ela não se reduz a isso e, sobretudo, sua intenção não é a de instaurar um tribunal em que as diferentes disciplinas irão humildemente depositar seus “títulos de direito” para serem julgadas segundo regras predeterminadas. Ela parte de um outro ponto de vista, que no caso da psicanálise (e das ciências humanas em geral) tem-se revelado bem mais frutífero. Em primeiro lugar, parte da idéia de que cada domínio científico tem seu contorno e sua especificidade própria e que é inútil tentar instaurar um ideal unitário de ciência. Em segundo lugar, procura, no interior de cada discurso, conferir-lhe o “estatuto de um texto” (Lebrun) e tratá-lo como uma rede ou um tecido de significações que vale a pena ser comentado e explicitado. Em terceiro lugar, a partir dessa análise interna, procurará examinar e estabelecer o conjunto de critérios próprios e específicos de validação da disciplina em questão e qual o critério e a idéia de verdade que daí brotam.³²

A referência *en passant* a Gérard Lebrun na passagem acima fornece a pista para a origem dessa distinção. De fato, em “A idéia de epistemologia”, o filósofo francês traça uma distinção semelhante, ainda que com uma terminologia algo diferente, entre a *epistemologia* e o que denomina “reflexão racionalista sobre a ciência”. Embora esta última não seja exatamente o mesmo que a “filosofia da ciência” descrita por Monzani, a sua caracterização da epistemologia revela sua afinidade com aquela mencionada acima:

... diante do *Faktum* das ciências positivas, existem duas atitudes possíveis, uma de origem cartesiana, outra de origem aristotélica. *Ou bem* se deixa na sombra a positividade, preferindo mostrar de que modo a ciência em questão é uma explicação dos *arkhai racionais* (dos quais ela revela então, mais uma vez, a prodigiosa fecundidade em qualquer área): trata-se do estilo *racionalista*. *Ou bem* se presta atenção ao caráter autóctone (*oikeion*) dos princípios que uma ciência apresenta e ao caráter singular dessa montagem teórica que permite determinar os “objetos” de forma até então inédita — ou seja, prefere-se, àquilo que uma

32 Monzani, *ibid*: 131.

ciência descobre (para maior glória da “*ratio*”), sua maneira própria de *produzir* enunciados ou regras que possibilitam sua edificação: trata-se do estilo *epistemológico*.³³

Embora Lebrun não endossasse sem ressalvas o modelo historiográfico e tivesse sempre procurado uma maneira original de articular filosofia e história da filosofia, sua concepção não-normativa de epistemologia não deixa de adaptar, à sua maneira, as regras daquele *método* filosófico ao trato com o discurso científico: considera-o como um *texto* a ser decifrado, elucidado em suas articulações internas, pensado como um sistema de enunciados que pode ser explicado pela lógica própria que rege suas operações e suas transformações, ainda que, em algum momento, seja necessário refazer o caminho em direção ao mundo — e falar, portanto, de critérios de decisão e de validação, regime de provas, concepção de verdade, etc. — do qual a ciência, pelo menos, pretende falar. Tratava-se, pois, de ler Freud *como se* ele fosse um filósofo, mesmo que sem ignorar que ele não o era. Seja como for, é pela *via do método* que essa nova abordagem da psicanálise descrita e saudada por Monzani se define como filosófica³⁴ e é por essa via que ela pretende corrigir os abusos e as distorções das interpretações filosóficas da psicanálise que a precederam. Talvez o primeiro exemplo desse tipo de trabalho tenha sido o livro de Renato Mezan, *Freud: a trama dos conceitos*³⁵, cujo título já anuncia a disposição para o tipo de análise preconizada por Monzani. O livro de Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*³⁶ é outro exemplo consagrado desse tipo de abordagem, em cuja introdução, aliás, o autor retoma a caracterização da abordagem epistemológica recapitulada acima, distinguindo-a da filosofia das ciências, por um lado, e da história das ciências, por outro e, desta vez, remetendo-a ainda mais explicitamente ao ensaio de Lebrun, mesmo que com as ressalvas de costume³⁷. Para finalizar, mencionemos o trabalho de Osmyr

33 Lebrun, 1977: 134-135, grifos do autor.

34 Em outra passagem, Monzani aproxima explicitamente essas abordagens da metodologia de análise estrutural em história da filosofia, tomando Laplanche como exemplo: “Está se realizando uma leitura atenta e rigorosa dos textos de Freud, de sua significação e de suas implicações. Leituras diversas, mas não necessariamente divergentes, que vão desde uma leitura estritamente textual — *ao modelo da leitura guéraultiana em história da filosofia* —, como é o caso das *Problématiques* de Laplanche, passando por análises mais específicas, como é, por exemplo, o caso da bela análise da noção de afeto na obra de Freud realizada por A. Green (...)” (Monzani, 1988: 128, grifos nossos).

35 Mezan, 1982.

36 Monzani, 1989.

37 *Ibid.*: 22-23.

F. Gabbi Jr. com a chamada “pré-história” do pensamento freudiano, que renderia, bem mais recentemente, a publicação de seu *Notas a Projeto de uma Psicologia: As origens utilitaristas da psicanálise*³⁸.

Ora, o trabalho de Bento Prado Jr. com a filosofia da psicanálise é de uma natureza e de uma orientação totalmente diferentes: exceto por um artigo projetado e nunca efetivamente concluído, que se deveria chamar “1895-1900: o nascimento do conceito freudiano de interpretação”³⁹, ele nunca empreendeu um comentário sistemático do texto freudiano tal como os mencionados acima. Não se trata de uma decisão surpreendente, se nos reportamos ao desenvolvimento inicial de seu pensamento, onde ele preferiu, à forma acadêmica consagrada da dissertação de história da filosofia expurgada de todo e qualquer lirismo, a forma mais livre do ensaio, na qual se podia perseguir uma idéia de maneira bem mais desembaraçada, transitando entre a filosofia, a ciência e a literatura sem ter que se explicar na fronteira. É assim que o inventor do “ensaio filosófico paulistano”⁴⁰ sentiu-se à vontade para aplicá-lo à sua discussão com a psicanálise: em vez da leitura metódica das obras psicanalíticas, seguir o caminho traçado por uma leitura filosófica precedente, reconstituir-lhe o itinerário e ir apontando seus tropeços à medida que surgem, com o ganho adicional de, nas entrelinhas, fazer algumas apostas bem calculadas sobre o sentido de certos conceitos de Freud, a título de sugestões ou hipóteses a serem recolhidas e desenvolvidas (ou refutadas) por outros no embate direto com os textos. Numa palavra, em vez do corpo a corpo com Freud, se era o caso de corrigir as distorções de certas leituras filosóficas do criador da psicanálise, nada melhor, na perspectiva de Bento Prado, do que o corpo a corpo com os filósofos que as cometeram.

A bem da verdade, o itinerário intelectual de Bento Prado Jr. só poderia colocá-lo numa relação de desconfiança com a metodologia filosófica tradicional de seus mestres. Aquilo que era uma novidade bem-vinda no campo dos

38 Gabbi Jr, 2003.

39 Uma parte desse texto acabou sendo publicada como uma longa nota de rodapé acrescentada ao ensaio “Hume, Freud, Skinner: em torno de um parágrafo de Gilles Deleuze” (Prado Jr, 1985b: 33-35). A proposta era mostrar como, na passagem do *Projeto* para a *Traumdeutung*, a interpretação dos fenômenos psicológicos, em vez de ser derivada do modelo teórico do aparelho psíquico, passa a preceder e fundamentar a arquitetura da teoria. Disso Bento tira uma consequência em perfeita consonância com sua concepção da psicanálise e com o papel que ela desempenha na evolução de suas idéias: “Pois dizer que a interpretação precede a teoria é dizer que — para usar uma expressão brutal — a teoria não tem fundamento objetivo. E é bem essa surpreendente decisão que dá nascimento à originalidade do discurso psicanalítico” (*ibid.*: 35, grifos do autor).

40 Arantes, 1992: 176.

estudos sobre Freud — onde o tipo de ascese metódica preconizada pela análise estrutural ainda tinha um papel a cumprir na coibição dos abusos de uma interpretação indiscriminada do texto freudiano —, pareceria a Bento como uma camisa de força incômoda da qual ele custara a desvencilhar-se e que não estaria disposto e envergar de novo em nome da causa freudiana. Além do mais, ele não estava interessado na psicanálise como um fim em si, como muitos de seus colegas, à medida que a “moda psicanalítica” de que nos fala Monzani se espalhava; ao contrário, topara com ela como um acidente de percurso que se revelara uma oportunidade para algumas correções de mira em seu projeto filosófico, após o que só restava seguir em frente para ver aonde ele o levava. Paulo Arantes menciona uma passagem de uma aula proferida por Bento em 1966, na qual a rejeição do método estrutural se exprime o mais inequivocamente, numa forma, aliás, afinada com as suas preferências literárias:

... o Descartes de Gueroult corresponde certamente às *Meditações* de Descartes; trata-se fundamentalmente do *mesmo livro*, mas tal como seria escrito por um Descartes que fosse integralmente Descartes. Não se trata propriamente de um livro sobre Descartes, mas de um livro que retoma a palavra cartesiana, pondo em evidência todos os elos da longa cadeia de razões que até então haviam permanecido na sombra. Descartes é um Gueroult parcial e Gueroult é um Descartes liberto de suas limitações; seu livro preenche todas as lacunas deixadas em branco pelo livro de Descartes.⁴¹

A referência literária aqui — com certeza não ignorada, mas não explicitada nesse ponto por Paulo Arantes — é evidentemente o Pierre Menard de Borges⁴², uma clássica ironia endereçada ao historicismo da crítica literária e ao “ideal intelectualista de explicitação integral” à qual Bento não poderia estar alheio, uma vez que, como aponta Arantes, é o mesmo tipo de crítica que ele endereça à interpretação de Dostoiévski empreendida por Roberto Schwarz. Basta ver como Borges caracteriza, na primeira pessoa, seu fictício crítico literário que empreende a tarefa insensata de reescrever — no sentido de escrevê-lo de novo, e não de corrigi-lo — o Dom Quixote:

41 Arantes, 1992: 279.

42 *Pierre Menard, autor do Quixote*, em *Ficções* (Borges, 1944).

Minha recordação geral do Quixote [diz Menard], simplificada pelo esquecimento e pela indiferença, pode muito bem equivaler à imprecisa imagem anterior de um livro não escrito. Postulada essa imagem (que ninguém em boa lei me pode negar) é indiscutível que meu problema é muito mais difícil que o de Cervantes. Meu complacente precursor não recusou a colaboração do acaso: ia compondo a obra imortal um pouco *à la diable*, levado por inércias da linguagem e da invenção. *Eu contraí o misterioso dever de reconstruir literalmente sua obra espontânea*. Meu jogo solitário está governado por duas leis polares. A primeira me permite ensaiar variantes de tipo formal ou psicológico; a segunda me obriga a sacrificá-las ao texto “original” e a justificar de um modo irrefutável essa aniquilação.⁴³

Assim, Bento colhe a metáfora para sua crítica num autor que se conta entre suas preferências literárias mais típicas, por razões evidentes: difícil encontrar alguém que levou mais longe o ideal do “absoluto literário” de que fala Arantes e de uma concepção da realidade como ficção que suprime qualquer diferença essencial entre ciência, filosofia e literatura. Daí que Bento Prado Jr. tenha preferido, a certa altura, deixar de lado a idéia de uma *epistemologia da psicanálise*, mesmo no sentido mais específico que provém da reflexão de Lebrun, passando a preferir a expressão mais neutra e mais abrangente de *filosofia da psicanálise*, que não restringe a discussão ao campo da racionalidade científica — seja lá como for que se a conceba —, mas deixa aberta a via para a exploração de outros espaços de diálogo entre filosofia e psicanálise, como a arte, por exemplo, objeto tanto da reflexão estética quanto de uma parte importante, rica e controversa da produção freudiana. Ele empregou essa expressão no título da coletânea de textos seus, de Gabbi Jr. e de Monzani que organizou em 1991, contribuindo decisivamente para estabelecê-la entre nós e fixando, na “Apresentação”⁴⁴, seu sentido como uma via de mão dupla que se abre entre o discurso filosófico e o psicanalítico, sem referência necessária ao viés epistemológico desse diálogo — o qual, diga-se de passagem, privilegiaria o caminho que vai da filosofia à psicanálise, mas não o contrário, além de restringir-se a um certo *tipo* de filosofia:

43 Borges, *ibid.*: 448, grifos nossos. Em outras passagens, o Menard de Borges é enfático na denúncia dessa espécie de fetichização do texto clássico, que a análise exaustiva celebraria e que seu projeto paradoxal ignora: “Não há exercício intelectual que não seja finalmente inútil. Uma doutrina filosófica é, a princípio, uma descrição verossímil do universo; giram os anos e é um mero capítulo — quando não um parágrafo ou um nome — da história da filosofia. (...) O Quixote (...) foi antes de tudo um livro agradável; agora é uma ocasião de brindes patrióticos, de soberba gramatical, de obscenas edições de luxo” (*id.*, *ibid.*: 449-450).

44 Prado Jr, 1991d.

O título, *A filosofia da psicanálise*, sublinha no entanto o que há de comum nesses diferentes trabalhos e aponta para a unidade do livro. Uma unidade que não se revela à simples menção do caráter “epistemológico” de todos os ensaios (...). O genitivo presente no título deste livro deve ser lido com duplo sentido: filosofia da psicanálise, já que se trata de uma reflexão que faz do discurso e da teoria freudianos seu objeto; mas também filosofia da psicanálise, já que se trata da filosofia que a psicanálise parece impor aos filósofos, exigindo mudanças cruciais no aparato conceitual que faz a tradição da própria filosofia.⁴⁵

O próprio Monzani, que vimos acima apresentando com detalhes aquela concepção de uma epistemologia da psicanálise, quando chega a publicar seu livro sobre Freud — um dos mais sistemáticos e bem-sucedidos exercícios dessa epistemologia que encontramos em nossa literatura —, já havia empurrado para o segundo plano aquela preocupação e assumido uma posição mais semelhante à de Bento:

Conservei, na introdução, uma série de considerações a respeito da natureza do trabalho que ofereço ao leitor e que rotulo de “epistemológico”. Confesso que, para mim, hoje, essa é uma questão secundária. Deixei-a apenas como testemunho de um modismo que fez época. Hoje tenho a tendência a pensar que, se existe uma teoria da leitura como compreensão das articulações de um texto, ela é a mesma nos seus pressupostos gerais e básicos, e pode ser aplicada seja a Descartes, seja a Freud, seja a Laclos ou às “Eddas”, mitológicas ou heróicas.⁴⁶

Bento Prado Jr. não hesita em assumir o estilo algo errático, circunstancial e desembaraçado de seus ensaios; refere-se a eles como um “itinerário extravagante”, como “*mockthinking*”, como uma “breve nota” sobre um ponto de doutrina (o conceito skinneriano de operante, por exemplo), da qual, no entanto, partem uma série de linhas argumentativas que chegam, ao fim e ao cabo, a conclusões de alcance geral sobre a disciplina em questão, ainda que apresentadas a título provisório, sugestivo, etc. Talvez o melhor exemplo desse estilo ensaístico, que pode ser tomado como modelo para os demais, esteja no artigo em que traça aproximações surpreendentes entre Freud, Hume e Skinner, tomando como ponto de partida, como o próprio título indica, *um* parágrafo extraído do *Diferença e repetição*, de Gilles Deleuze. Difícil pensar

45 Prado Jr, 1991d: 7-8.

46 Monzani, 1989: 10.

em algo mais contrário ao espírito sistemático da dissertação acadêmica. No entanto, o texto procede de surpresa em surpresa. Primeiro, a aproximação entre os métodos supostamente revolucionários da esquizo-análise de Deleuze e Guattari e o condicionamento operante de Skinner, isto é, a “modificação do comportamento através do reforço”⁴⁷, traçando, como denominador comum, aquilo que behaviorismo e esquizo-análise (e uma parte da psicanálise, acrescentaríamos, segundo Politzer) teriam em comum: a recusa da noção de *interioridade*. Depois, a aproximação entre Skinner e Hume, baseada na crítica à *causalidade*, em lugar da qual Skinner propõe uma análise funcional do comportamento — substituindo a relação de causa e efeito, carregada de pressupostos metafísicos, pela relação estritamente operacional entre variáveis independentes e dependentes — e que Hume, como se sabe, reduz a uma crença instaurada pelo hábito⁴⁸. A referência ao hábito, por sua vez — que, em Hume, desempenha a função crucial de um “princípio ativo que fixa e desdobra as sínteses passivas da associação”⁴⁹ — conduz ao tema da *repetição*, em que convergem, além do filósofo escocês, o condicionamento de Skinner, a compulsão à repetição e o princípio do prazer freudianos, todos amarrados pela observação deleuziana que justifica todo o itinerário. O resultado foi uma aproximação, naquela época uma novidade, entre Freud e a tradição empirista⁵⁰, na contramão da tendência habitual a relacionar o surgimento da psicanálise com a tradição da filosofia alemã do século 19. Em Hume, Bento vai buscar, em primeiro lugar, a idéia de que haveria uma *lógica do delírio e do sonho* (ou da *imaginação*), uma vez que aquele reconhece que, mesmo nos sonhos e devaneios, a imaginação não vaga a esmo, mas sim segundo as conexões entre as idéias que se sucedem⁵¹. As idéias que daí derivam — de que a loucura e o delírio são o pano de fundo do espírito — seriam comuns a Deleuze e Hume, mas, num outro sentido, levam à conclusão de que, se o espírito é,

47 Prado Jr, 1985b: 37.

48 Observe-se que Skinner sofreu a influência dos positivistas lógicos, que renovam o programa de demarcação entre ciência e metafísica, muitos dos quais, no entanto, preferiam a denominação “empirismo lógico”, para enfatizar uma filiação filosófica mais a Hume do que a Comte, no que a crítica do conceito de causalidade desempenhava um papel central.

49 *Ibid.*: 44.

50 Essa linha de reflexão foi desenvolvida mais sistematicamente desde então por Gabbi Jr., apontando a influência histórica e a convergência conceitual entre Freud e o associacionismo empirista, sobretudo John Stuart-Mill (ver, sobretudo, Gabbi Jr, 2003).

51 Da mesma forma, mas por um caminho inteiramente diferente, Espinoza afirmou que “as idéias inadequadas e confusas seguem-se umas das outras *com a mesma necessidade* que as idéias adequadas” (*Ética*, II, 36, grifos nossos), pelo que se justifica a idéia de uma *lógica* e de uma *potência* do imaginário.

em si mesmo, puro delírio, ele pode e deve “transformar-se em natureza humana, isto é, numa subjetividade regulada por princípios ou comandada por uma regularidade”⁵². A função de certa forma transcendental que o hábito aí desempenha, presta-se para aproximar Hume e Deleuze de Freud: a repetição (ou o hábito) é condição de possibilidade para o princípio do prazer, ao contrário da concepção skinneriana do reforço — que, nisso, estaria mais próxima do senso comum — em que a satisfação uma vez obtida cria a tendência para a repetição do comportamento. Não bastasse esse percurso inesperado, em que saberes aparentemente díspares podem ser cotejados e se iluminar reciprocamente, Bento ainda é capaz de concluir com uma observação que extrapola a discussão da psicologia, da psicanálise ou, mesmo, do empirismo, e se endereça ao questionamento da própria alternativa compreensão/ explicação como uma espécie de sintoma da imaturidade epistemológica das ciências humanas ou sociais, de modo que, talvez não seja exagerado dizer que a recusa da epistemologia como *método*, descrita acima, acaba por se revelar como uma estratégia bem-sucedida para superar certos impasses da própria epistemologia:

A própria história da psicanálise, depois de Freud, não pode ser descrita como uma constante oscilação do edifício teórico entre esses dois pólos [explicação e compreensão]? Enquanto a epistemologia das ciências naturais parece ter-se libertado dos fantasmas da ontologia, a epistemologia da psicologia (senão das ciências sociais em geral) persiste fascinada pelo *ser da psique*: com todas as alternativas clássicas da metafísica, liberdade/ causalidade, sentido/ força, etc. etc. Persistência só compreensível pelo fato de que no domínio das *quase-ciências* as idéias de causalidade e verdade guardam o sabor arcaico que perderam nas ciências avançadas.⁵³

Assim, embora esse comentário mais extenso do ensaio sobre “Hume, Freud, Skinner...” tenha tido como primeiro objetivo ilustrar o estilo do ensaio de Bento Prado, ele acaba por desembocar novamente no debate epistemológico do qual parecia se afastar. Cabe recolocar a pergunta, portanto, sobre o papel relativo que filosofia, ciência e literatura desempenharam em seu pensamento, para entre elas situar a psicanálise. É preciso, em primeiro lugar, enfatizar a unidade do projeto filosófico em que esses três discursos

52 *Ibid.*: 46.

53 Prado Jr, 1991b: 50, grifos do autor.

se inserem. No *Prefácio* a seu último livro publicado, *Erro, ilusão, loucura: ensaios*, Bento procura justificar a afinidade entre os estudos que integram o livro, colocando-os em continuidade com suas preocupações iniciais: “Na verdade, retomo (...) em cada um e em todos, uma velha obsessão, expressa já em meu primeiro trabalho de 1964: *o lugar do sujeito*, ou melhor, *o problema da ipseidade e de suas formas de expressão*”⁵⁴. Ele explicita mais longamente essa unidade e essa continuidade em suas entrevistas, alinhavando os diversos momentos de seu itinerário intelectual e acadêmico:

Como disse, o que estou procurando fazer agora — *mas, pensando bem, nunca trabalhei com outro assunto* — é circunscrever a idéia de subjetividade pela perspectiva da idéia de ipseidade. Foi o que fiz na tese sobre o Bergson, ao mostrar a constituição da idéia de subjetividade na sua articulação com a idéia de negação. Foi o que fiz também no livro sobre o Rousseau, ao mostrar o lugar da subjetividade na linguagem e, mais do que na linguagem, no discurso. E é o que tenho retomado, ultimamente, nos meus cursos e em alguns textos, uma tentativa de fazer uma arqueologia do *Ich denke*, do *cogito*, em Descartes, Kant e Wittgenstein, em que procuro mostrar as metamorfoses da idéia de sujeito ao longo da filosofia moderna, que se caracteriza por uma progressiva despsicologização e dessubstancialização da idéia do eu.⁵⁵

Nessa passagem, seu itinerário é descrito como um itinerário exclusivamente filosófico, como um debate com nomes célebres do Panteão da filosofia ocidental, o que parece desmentir a vocação para um pensamento sem fronteiras definidas que se procurou estabelecer e ilustrar anteriormente. Mas, quando interrogado sobre seu interesse inicial pela literatura, Bento não tarda a deixar emergir a perenidade desse interesse, sua renovação no presente, a disposição a continuar a persegui-lo no futuro e, acima de tudo, a perfeita harmonização desse interesse com os termos desse projeto cuja unidade está sendo afirmada, nem que seja por uma percepção *a posteriori*:

Estou retomando a esse tema [a literatura] e pretendo consagrá-lo a um futuro livro, composto de três partes: uma primeira parte, mais crítico-reflexiva, teria como objeto a idéia de ipseidade, de ser si mesmo — a questão da subjetividade —, numa linha parecida com a de Ricoeur. A segunda parte seria sobre ética e

54 Prado Jr, 2004: 11, grifos do autor.

55 Prado Jr, in Nobre & Rego, 2000: 214, grifos nossos.

romance, trataria de alguns romances escolhidos. E uma terceira parte seria sobre poesia e metafísica através da análise das poesias de João Cabral de Melo Neto, de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Valéry, Francis Ponge e dos poetas metafísicos espanhóis. Penso em dar a esse livro o título *Ipseidade, formas e expressão: as diferentes formas da subjetividade*.⁵⁶

Eis-nos aí, portanto, devolvidos à conexão estreita entre filosofia e literatura que nosso autor tenta fundar desde seus primeiros ensaios para fora do modelo estruturalista e da história da filosofia como um fim em si mesma. Contudo, quase no mesmo fôlego, Bento emenda uma referência à ciência e, por extensão, à epistemologia. Relatando uma conversa que tivera com Antônio Cândido, ainda nos anos 60, menciona como seu “mestre Granger” considerava insuficiente uma formação exclusivamente filosófica: na medida em que a filosofia seria uma disciplina “essencialmente parasitária”, não delimitando um assunto ou um objeto próprio — isto é, definindo-se como um discurso de segunda ordem, que toma apoio sobre outros discursos já constituídos, que pretendam falar das coisas —, seria indispensável ao filósofo, segundo Granger, que ele tivesse alguma formação científica, que dominasse, em alguma medida, uma ciência a partir da qual desenvolver sua reflexão. Mas o que tudo isso tem que ver com a literatura e a poesia? É que Bento, com seu proverbial destemor de incorrer em contra-senso, afirma: “Obedeci a esse imperativo e, no caso, *a minha ciência é a poesia*; a filosofia de um lado e a poesia do outro, para dar conteúdo ou vida à reflexão filosófica”.⁵⁷

Por aí, pode começar a ficar claro que a própria (e crônica) ambigüidade epistêmica da psicanálise, longe de espantar nosso filósofo, pode ter, ao contrário, funcionado como um forte motivo de atração — na verdade, como uma oportunidade de exercitar-se num domínio para o qual sequer se necessitava de um esforço deliberado de obscurecer as fronteiras, uma vez que estas nem chegaram a ser consensualmente traçadas. Não apenas o pertencimento da psicanálise ao campo das ciências do espírito ou da natureza nunca ficara estabelecida (o próprio Bento duvidava da *necessidade* dessas categorias, como vimos acima), como muitos chegaram a negar-lhe o pertencimento ao próprio campo das ciências, sejam elas quais forem, relegando-a a uma forma de literatura mal assumida enquanto tal: seus enunciados não seriam descrições de estados de coisas, mas, em última instância, juízos

⁵⁶ *Id., ibid.*: 211.

⁵⁷ *Id., ibid.*: 211, grifos nossos. E, mais adiante, para não deixar dúvidas: “Nunca tive uma formação científica em uma área específica, a única ciência [sic] que pratiquei foi a poesia” (*ibid.*: 216).

estéticos, que propunham uma certa maneira de *ver* as coisas, mas não necessariamente de conhecê-las nelas mesmas. Por tudo o que se viu a respeito da filosofia de Bento Prado Jr., para ele tal alternativa é compreensivelmente irrelevante: “Para mim, psicanálise é tão ‘ciência’ quanto literatura”⁵⁸. Tornase mais fácil compreender, assim, por que, além do texto projetado e nunca concluído sobre o conceito freudiano de interpretação, o único outro trabalho de Bento que aborda diretamente as teses psicanalíticas é dedicado, não a Freud, mas a Lacan — trata-se do artigo “Lacan: biologia e narcisismo (ou a costura entre o real e o imaginário)”⁵⁹, que analisa os dois primeiros volumes do *Seminário*. Ou seja, o que se aborda diretamente é *o teórico da psicanálise que mais explicitamente aproximou teoria e literatura*, que colocou a metáfora no lugar do conceito e que levou às últimas conseqüências *a idéia da teoria como ficção*⁶⁰.

Enfim, se esse “interlúdio” na evolução do pensamento filosófico de Bento Prado Jr. — mais ou menos encaixado entre Rousseau e Wittgenstein — calhou de ter a psicanálise e a psicologia como interlocutores momentâneos, antes que se encaminhasse a outras paragens, talvez isso se tenha devido, para além dos acidentes de percurso, à oportunidade que aí se ofereceu para avançar mais um passo na elaboração dessa concepção singularmente “ficcional” da filosofia, sem que se tenha que dela excluir as ciências e as “quase-ciências”. Portanto, se sua contribuição para a constituição e consolidação dessa área de pesquisa foi inestimável, como se apontou no início, é porque ela, talvez, tire parte de seu vigor da originalidade do projeto filosófico mais amplo no qual se insere. Seja como for, o trabalho posterior do filósofo não deixou de exibir as marcas dessa travessia: afinal, “erro”, “ilusão”, “sonho”, “loucura” são todos temas explorados intensamente pela psicanálise, como também o são os problemas do eu, do sujeito, da identidade, da coincidência ou não consigo mesmo. Mas qualquer afinidade mais profunda que se possa detectar aí só pode ser, por enquanto, objeto de vaga suspeita e só pode ser estabelecida por todo um outro trabalho que não teria sido possível realizar aqui.

58 *Id, ibid.*: 216. Em outro ponto, exprime-se uma idéia semelhante: “Assim, a idéia de uma ‘psicologia literária’ me parece uma idéia simpática: não é ciência, mas através dela se compreendem figuras do espírito e da vida mental” (*ibid.*: 217). A própria referência a Granger teria servido para alinhar esses diferentes aspectos de seu pensamento — a retórica rousseauísta e a epistemologia da psicologia e da psicanálise, por exemplo: “Além do que, Granger introduz, na sua própria compreensão do que é ciência, a idéia de estilo, que remete, de alguma maneira, a uma dimensão mais retórica do que lógica da ciência” (*Ibid.*).

59 Prado Jr, 1991c.

60 Ver Bowie, 1987; Simanke, 2003 e 2007.

Referências bibliográficas

- Arantes, P. E. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- . “Timidez da filosofia” (1988). In: P. E. Arantes, 1994: 157-169.
- . “A musa do departamento: Bento Prado Jr. e a filosofia uspiana da literatura nos anos 60” (1992). In: P. E. Arantes, 1994: 170-234.
- Borges, J. L. *Ficciones* (1944). In: *Obra completas* (vol. 1). Buenos Aires : Emecé, 1996.
- Bowie, M. *Freud, Proust, Lacan: la théorie comme fiction* (1987). Paris: Denoël, 1988.
- Dalbiez, R. *O método psicanalítico e a doutrina de Freud* (1936). Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- Espinoza, B. *L'Éthique* (1677). In: *Oeuvres de Spinoza* (vol. 3). (trad. Charles Appuhn). Paris: Garnier-Flammarion, 1965.
- Fulgêncio, L. & R.T. Simanke (orgs.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.
- Gabbi Jr., O.F. *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- Laplanche, J. “Derivação das entidades psicanalíticas”. In: J. Laplanche. *Vida e morte em psicanálise* (1970). Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 131-143.
- Lebrun, G. “A idéia de epistemologia” (1977). In: G. Lebrun. *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 129-144.
- Mezan, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- Monzani, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- . “Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas” (1988). In: B. Prado Jr. (org.). 1991, p. 109-138.
- Nobre, M. & J.M. Rego. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- Prado Jr., B. “Georges Politzer: sessenta anos da *Crítica dos fundamentos da psicologia*” (1991a). In: B. Prado Jr. (org.), 1991, p. 9-28.

———. “Entre o alvo e o objeto do desejo: Marcuse, crítico de Freud” (1991b) In: B. Prado Jr. (org.), 1991, p. 29-50.

———. “Lacan: biologia e narcisismo (ou a costura entre o real e o imaginário)” (1991c). In: B. Prado Jr. (org.), 1991, p. 51-72.

———. “Apresentação” (1991d). In: B. Prado Jr. (org.), 1991, p. 7-8.

———. *Alguns ensaios: filosofia, literatura, psicanálise*. São Paulo: Paz e Terra, 2ª ed., 2000.

———. “Auto-reflexão ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud” (1985a). In: B. Prado Jr., 2000, p. 11-28.

———. “Hume, Freud, Skinner (em tomo de um parágrafo de G. Deleuze) (1985b).” In: B. Prado Jr., 2000, p. 29-52.

———. “O neopsicologismo humanista” (1985c). In: B. Prado Jr., 2000, p. 79-86.

———. “A imaginação: fenomenologia e filosofia analítica” (1985d). In: B. Prado Jr., 2000, p. 53-70.

———. “Breve nota sobre o operante: circularidade e temporalidade” (1985e). In: B. Prado Jr., 2000, p. 71-78.

———. *Erro, ilusão, loucura: ensaios*. São Paulo: Editora 34, 2004.

Prado Jr., B. (org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Ricoeur, P. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.

Safatle, V. “O filósofo e suas lágrimas”. *Discutindo Filosofia*, 2 (8): 16-21, 2007.

Safatle, V. (org.). *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: Edunesp, 2003.

Simanke, R. T. “A letra e o sentido do retorno a Freud: a teoria como metáfora”. In: V. Safatle (org.), 2003, p. 277-304.

———. “A ficção como teoria: revisitando as relações de Lacan com o surrealismo.” In: S. Pontes & C. Vasconcelos (orgs.). *Ensaio de filosofia e psicanálise*. Campinas: Mercado de Letras, 2007 (no prelo).